



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA FRANCISCO
AOS PARTICIPANTES NO CONGRESSO ECLESIAL
DA DIOCESE DE ROMA**

*Sala Paulo VI
Segunda-feira, 17 de Junho de 2013*

[Multimedia]

Boa tarde a todos, queridos irmãos e irmãs!

O Apóstolo Paulo terminava este trecho da sua carta aos nossos antepassados com estas palavras: já não estais sob a Lei, mas sob a graça. E esta é a nossa vida: caminhar sob a graça, porque o Senhor nos amou, nos salvou, nos perdoou. O Senhor fez tudo, e esta é a graça, a graça de Deus. Nós estamos a caminho sob a graça de Deus, que veio entre nós, em Jesus Cristo que nos salvou. Mas isto abre-nos para um horizonte grande, e é alegria para nós. «Já não estais sob a Lei, mas sob a graça». Que significa este «viver sob a graça»? Procuraremos explicar algo do que significa viver sob a graça. É a nossa alegria, é a nossa liberdade. Nós somos livres. Por quê? Porque vivemos sob a graça. Já não somos escravos da Lei: somos livres porque Jesus Cristo nos libertou, nos deu a liberdade, aquela liberdade plena de filhos de Deus, que vivemos sob a graça. Isto é um tesouro. Procurarei explicar um pouco este mistério tão bonito, tão grande: viver sob a graça!

Trabalhastes tanto este ano sobre o Baptismo e também sobre a renovação da pastoral pós-baptismal. O Baptismo, este passar de «sob a Lei» para «sob a graça», é uma revolução. São tantos os revolucionários na história, foram tantos. Mas nenhum teve a força desta revolução que nos trouxe Jesus: uma revolução para transformar a história, uma revolução que muda profundamente o coração do homem. As revoluções da história mudaram os sistemas políticos, económicos, mas nenhuma delas modificou deveras o coração do homem. A verdadeira revolução, que transforma radicalmente a vida, foi Jesus Cristo quem a realizou através da sua

Ressurreição: a Cruz e a Ressurreição. E Bento XVI dizia, desta revolução, que «é a maior mudança da história da humanidade». Mas pensemos nisto: é a maior mudança da história da humanidade, é uma verdadeira revolução, porque nós vamos por este caminho da maior mudança da história da humanidade. Um cristão, se não for revolucionário, neste tempo, não é cristão! Deve ser revolucionário pela graça! Precisamente a graça que o Pai nos dá através de Jesus Cristo crucificado, morto e ressuscitado nos torna revolucionários, porque — e cito de novo Bento XVI — «é a maior mudança da história da humanidade». Porque muda o coração! O profeta Ezequiel dizia: «Arrancar-vos-ei o coração de pedra e dar-vos-ei um coração de carne». É esta a experiência que o Apóstolo Paulo vive: depois de ter encontrado Jesus no caminho de Damasco, muda radicalmente a sua perspectiva de vida e recebe o Baptismo. Deus transforma o seu coração! Mas considerai: um perseguidor, um que perseguia a Igreja e os cristãos, torna-se um santo, um profundo cristão, precisamente um cristão verdadeiro! Antes é um perseguidor violento, agora torna-se um apóstolo, uma testemunha corajosa de Jesus Cristo, a ponto de não ter medo de sofrer o martírio. Aquele Saulo que queria matar quem anunciava o Evangelho, no final doa a sua vida para anunciar o Evangelho. Eis a transformação, a maior mudança da qual nos falava o Papa Bento. Muda o teu coração, de pecador — de pecador: todos somos pecadores — transforma-te em santo. Há algum de nós que não é pecador? Se houver algum, que levante a mão! Todos somos pecadores, todos! Todos somos pecadores! Mas a graça de Jesus Cristo salva-nos do pecado: salva-nos! Todos, se aceitarmos a graça de Jesus Cristo, Ele muda o nosso coração e de pecadores torna-nos santos. Para nos tornarmos santos não é necessário voltar os olhos e olhar para o alto, ou ter um pouco uma cara de santinho! Não, não, isto não é necessário! Uma só coisa é necessária para nos tornarmos santos: aceitar a graça que o Pai nos dá em Jesus Cristo. Eis, esta graça muda o nosso coração. Nós continuamos a ser pecadores, porque todos somos frágeis, mas também com esta graça que nos faz sentir que o Senhor é bom, que o Senhor é misericordioso, que o Senhor nos espera, que o Senhor nos perdoa, esta graça grande, que muda o nosso coração.

E, dizia o profeta Ezequiel, que muda um coração de pedra num coração de carne. O que significa isto? Um coração que ama, um coração que sofre, um coração que rejubila com os outros, um coração cheio de ternura por quem, trazendo impressas as feridas da vida, se sente na periferia da sociedade. O amor é a maior força de transformação da realidade, porque derruba os muros do egoísmo e preenche os fossos que nos mantêm distantes uns dos outros. É este o amor que vem de um coração transformado, de um coração de pedra que se transforma num coração de carne, num coração humano. E isto é feito pela graça, a graça de Jesus Cristo que todos nós recebemos. Algum de vós sabe quanto custa a graça? Onde se vende a graça? Onde posso comprar a graça? Ninguém o sabe dizer: não. Vou comprá-la na secretaria paroquial, talvez haja quem a venda, a graça? Há algum padre que a vende? Ouvi bem isto: a graça não se compra nem se vende; é um dom de Deus em Jesus Cristo. Jesus Cristo dá-nos a graça. É o único que nos dá a graça. É uma prenda: ele no-la oferece. Aceitemo-la. Isto é bom. O amor de Jesus é assim: dá-nos a graça gratuitamente, gratuitamente. E nós devemos oferecê-la aos irmãos, às irmãs, de graça. É um pouco triste quando se encontra alguns que vendem a graça: na

história da Igreja algumas vezes isto aconteceu, e causou tanto mal. Mas a graça não se pode vender: é recebida de graça e deve ser dada gratuitamente. E esta é a graça de Jesus Cristo.

No meio de tantos sofrimentos, de tantos problemas que existem, em Roma, há quem vive sem esperança. Cada um de nós pode pensar, em silêncio, nas pessoas que vivem sem esperança e estão imersas numa profunda tristeza da qual procuram sair pensando que encontram a felicidade no álcool, na droga, no jogo de azar, no poder do dinheiro, na sexualidade sem regras... Mas acabam por se sentir ainda mais desiludidos e por vezes desencadeiam a sua raiva contra a vida com comportamentos violentos e indignos do homem. Quantas pessoas tristes, quantas pessoas tristes, sem esperança! Pensai também nos muitos jovens que, depois de terem experimentado tantas coisas, não encontram sentido na vida e procuram o suicídio, como solução. Sabeis quantos suicídios de jovens há hoje no mundo? A cifra é alta! Por quê? Não têm esperança. Experimentaram tantas coisas e a sociedade, que é cruel — é cruel! — não nos pode dar esperança. A esperança é como a graça: não se pode comprar, é um dom de Deus. E nós devemos oferecer a esperança cristã com o nosso testemunho, com a nossa liberdade, com a nossa alegria. O dom da graça que Deus nos dá, traz a esperança. Nós, que temos a alegria de nos apercebermos que não somos órfãos, que temos um Pai, podemos permanecer indiferentes a esta cidade que nos pede, talvez também inconscientemente, sem o saber, uma esperança que ajude a olhar para o futuro com maior confiança e serenidade? Nós não podemos ser indiferentes. Mas como podemos fazer isto? Como podemos ir em frente e oferecer esperança? Ir pelas estradas dizendo: «Eu tenho esperança»? Não! Com o vosso testemunho, com o vosso sorriso, dizei: «Eu creio que tenho um Pai». O anúncio do Evangelho é este: dizer com a minha palavra, com o meu testemunho: «eu tenho um Pai. Não somos órfãos. Temos um Pai», e devemos partilhar esta filiação com o Pai e com todos os outros. «Pai, agora compreendo: trata-se de convencer os outros, de fazer prosélitos!». Não, nada disto. O Evangelho é como a semente: tu semeia-la, semeia-la com a tua palavra e com o teu testemunho. E depois, não fazes a estatística de como isto aconteceu: é Deus quem o faz. Ele faz crescer esta semente; mas devemos semear com aquela certeza que a água é Ele quem a dá, é Ele quem dá o crescimento. E nós não fazemos a colheita: fá-la-á outro sacerdote, outro leigo, outra leiga, alguém a fará. Mas a alegria de semear com o testemunho, porque só com a palavra não é suficiente, não basta. A palavra sem o testemunho é ar. As palavras não bastam. O verdadeiro testemunho do qual fala Paulo.

O anúncio do Evangelho destina-se antes de tudo aos pobres, a quantos com frequência não têm o necessário para levar uma vida digna. A eles é anunciado primeiro a feliz mensagem que Deus os ama com predilecção e vem visitá-los através das obras de caridade que os discípulos realizam em seu nome. Antes de tudo, ir ao encontro dos pobres: eis o que é primário. No momento do Juízo final, podemos ler em Mateus 25, todos seremos julgados sobre isto. Mas alguns, depois, pensam que a mensagem de Jesus é destinada aos que não têm uma preparação cultural. Não! Não! O Apóstolo afirma com vigor que o Evangelho é para todos, também para os doutos. A sabedoria, que deriva da Ressurreição, não se opõe à humana mas, ao contrário,

purifica-a e eleva-a. A Igreja esteve sempre presente nos lugares onde se elabora cultura. Mas o primeiro passo é sempre a prioridade aos pobres. Devemos ir também às fronteiras do intelecto, da cultura, na altura do diálogo, do diálogo que traz a paz, do diálogo intelectual, do diálogo racional. O Evangelho é para todos! Este ir ao encontro dos pobres não significa que devemos tornar-nos pauperistas, ou uma espécie de «mendigos espirituais»! Não, não, não significa isto! Significa que devemos caminhar em direcção à carne de Jesus que sofre, mas também sofre a carne de Jesus naqueles que não o conhecem com os seus estudos, com a sua inteligência, com a sua cultura. É lá que devemos ir! Por isso, gosto de usar a expressão «ir às periferias», às periferias existenciais. Todas, da pobreza física e real à pobreza intelectual, que é também real. Todas as periferias, todas as encruzilhadas dos caminhos: ir lá. E ali lançar a semente do Evangelho, com a palavra e com o testemunho.

E isto significa que devemos ter coragem. Paulo VI dizia que não compreendia os cristãos desanimados: não os compreendia. Estes cristãos tristes, ansiosos, estes cristãos dos quais se questiona se acreditam em Cristo ou na «deusa lamentação»: nunca se sabe. Todos os dias se lamentam, queixam-se; e como vai o mundo, olha, que calamidade, as calamidades. Mas pensai: o mundo não é pior do que há cinco séculos! O mundo é o mundo; sempre foi o mundo. E quando alguém se lamenta: e é assim, nada se pode fazer, ah... a juventude... Faço-vos uma pergunta: conheceis cristãos assim? Existem cristãos assim, existem! Mas o cristão deve ser corajoso e face ao problema, diante de uma crise social, religiosa, deve ter a coragem de ir em frente, ir em frente com ânimo. E quando nada se pode fazer, com paciência: suportando. Suportar. Coragem e paciência, eis duas virtudes de Paulo. Coragem: ir em frente, fazer as coisas, dar testemunho forte; em frente! Suportai: carregai sobre os ombros as coisas que ainda não se podem mudar. Mas ide em frente com esta paciência, com esta paciência que nos dá a graça. Mas, o que devemos fazer com a coragem e com a paciência? Sair de nós mesmos: sair de nós mesmos. Sair das nossas comunidades, para ir lá onde os homens e as mulheres vivem, trabalham e sofrem, e anunciar-lhes a misericórdia do Pai que se deu a conhecer aos homens em Jesus Cristo de Nazaré. Anunciar esta graça que nos foi oferecida por Jesus. Se aos sacerdotes, na Quinta-Feira Santa, pedi que sejam pastores com odor das ovelhas, a vós, queridos irmãos e irmãs, digo: sede em toda a parte portadores da Palavra de vida nos nossos bairros, nos lugares de trabalho e em toda a parte onde as pessoas se encontram e desenvolvem relações. Vós deveis sair. Não compreendo as comunidades cristãs fechadas, na paróquia. Desejo dizer-vos o seguinte. No Evangelho é bonito aquele trecho que nos fala do pastor que, quando volta ao redil, se apercebe que falta uma ovelha, deixa 99 e vai procurá-la, vão procurar uma. Mas, irmãos e irmãs, nós temos uma; faltam-nos 99! Devemos sair, devemos ir ter com elas! Nesta cultura — digamos a verdade — temos só uma, somos minoria! E nós sentimos o fervor, o zelo apostólico de sair e ir ao encontro das outras 99? Esta é uma responsabilidade grande, e devemos pedir ao Senhor a graça da generosidade e a coragem e a paciência para sair, para ir anunciar o Evangelho. Ah, isto é difícil. É mais fácil ficar em casa, com aquela única ovelha! É mais fácil com aquela ovelha, penteá-la, acariciá-la... mas nós sacerdotes, também vós cristãos, todos: o Senhor quer-nos pastores, não penteadores de ovelhas; pastores! E quando uma comunidade é fechada,

sempre entre as suas mesmas pessoas que falam, esta comunidade não é uma comunidade que dá a vida. É uma comunidade estéril, não é fecunda. A fecundidade do Evangelho vem pela graça de Jesus Cristo, mas através de nós, da nossa pregação, da nossa coragem, da nossa paciência.

É um pouco longa a história, não é? Mas não é fácil! Devemos dizer a verdade: o trabalho de evangelização, de levar em frente a graça gratuitamente não é fácil, porque não estamos a sós com Jesus Cristo; há também um adversário, um inimigo que quer manter os homens separados de Deus. E depois isto instila nos corações a desilusão, quando nós não vemos recompensado imediatamente o nosso compromisso apostólico. O diabo lança todos os dias nos nossos corações sementes de pessimismo e de amargura, e a pessoa desanima, nós desanimamos. «Não pode ser! E repara como aquela religião atrai tanta gente e nós não!». É o diabo que lança isto. Devemos preparar-nos para a luta espiritual. Isto é importante. Não se pode pregar o Evangelho sem esta luta espiritual: uma luta de todos os dias contra a tristeza, contra a amargura, contra o pessimismo; uma luta de todos os dias! Semear não é fácil. É mais agradável colher, mas semear não é fácil, e esta é a luta de todos os dias dos cristãos.

Paulo dizia que tinha a urgência de pregar com a experiência desta luta espiritual, quando dizia: «Tenho na minha carne um espinho de satanás e sinto-o todos os dias». Também nós temos espinhos de satanás que nos fazem caminhar com dificuldade e muitas vezes desanimamos. Preparar-nos para a luta espiritual: a evangelização exige de nós uma coragem verdadeira também para esta luta interior, no nosso coração, para dizer com a oração, com a mortificação, com a vontade de seguir Jesus, com os Sacramentos que são um encontro com Jesus, dizer a Jesus: obrigado, obrigado pela tua graça. Desejo levá-la aos outros. Mas isto é trabalho: isto é trabalho. Isto chama-nos — não vos assusteis — chama-se *martírio*. O martírio é isto: lutar, todos os dias, para testemunhar. Isto é martírio. E a alguns o Senhor pede o martírio da vida, mas há outro martírio de todos os dias, de todas as horas: o testemunho contra o espírito do mal que não quer que sejamos evangelizadores.

E agora, desejaria terminar pensando numa coisa. Neste tempo, no qual a gratuidade parece diminuir nas relações interpessoais porque tudo se vende e tudo se compra, e é difícil encontrar a gratuidade, nós cristãos anunciamos um Deus que para ser nosso amigo nada pede, a não ser acolhimento. A única coisa que Jesus pede: ser acolhido. Pensemos em quantos vivem no desespero porque nunca encontraram alguém que lhes tenha demonstrado atenção, que os tenha ouvido, feito sentir preciosos e importantes. Nós, discípulos do Crucificado, podemos recusar-nos a ir àqueles lugares onde ninguém quer ir por medo de se comprometer e do juízo dos outros, e assim negar a estes nossos irmãos o anúncio da Palavra de Deus? A gratuidade! Nós recebemos esta gratuidade, esta graça, gratuitamente; devemos dá-la gratuitamente. Eis o que, afinal, vos quero dizer. Não tenhais medo, não receeis. Não tenhais medo do amor, do amor de Deus, nosso Pai. Não tenhais medo. Não tenhais medo de receber a graça de Jesus Cristo, não tenhais medo da nossa liberdade que vem da graça de Jesus Cristo ou, como dizia Paulo: «Já não estais sob a Lei, mas sob a graça». Não tenhais medo da graça, não tenhais medo de

sair de vós mesmos, não tenhais medo de sair das comunidades cristãs para ir ao encontro das 99 que não estão em casa. E de ir dialogar com elas, e dizer-lhes o que pensamos, de ir mostrar o nosso amor, que é o amor de Deus.

Amados irmãos e irmãs: não tenhamos medo! Vamos em frente para dizer aos nossos irmãos e irmãs que estamos sob a graça, que Jesus nos dá a graça e isto não custa nada: só recebê-la. Em frente!